

**RESENHA DO LIVRO “(DES)
CAMINHOS DO SISTEMA DE
ENSINO GUINEENSE: AVANÇOS
E RECUOS E PERSPECTIVAS” DE
LEONEL VICENTE MENDES**

*BOOK REVIEW “(DES)CAMINHOS DO
SISTEMA DE ENSINO GUINEENSE:
AVANÇOS E RECUOS E PERSPECTIVAS”
BY LEONEL VICENTE MENDES*

Alexandre António Timbane 1

Introdução

A obra em análise merece uma leitura muito atenta por parte dos leitores interessados na educação da Guiné-Bissau, porque ela é inédita e levanta reflexões e debates que caminham para o que se pretende numa educação revolucionária. A obra tem um grande mérito por colocar no papel o que já está sendo debatido em conversas informais por vários cidadãos que se interessam pela educação naquele país. O autor reparte a obra em 7 capítulos que de certa forma se amaram, conectando ideias e reflexões que transformam a obra num material de consulta atual, de referência e recomendável. A obra usa uma linguagem acadêmica com termos adequados que fazem fluir a leitura, misturada com uma pintada de guinesismos semânticos. A professora Eliane Costa Santos foi convidada para abrir os trabalhos na obra, elaborando um prefácio em que com muita mestria leu, releu e colocou elogios que engrandecem a obra.

O primeiro capítulo oferece um panorama geral do ensino na Guiné-Bissau analisando a estrutura do sistema educativo no período da luta armada contra o colonialismo português e descrevendo as políticas de ensino vigentes na época. Observa-se bastante o interesse do autor em demonstrar como o conhecimento tradicional, isto é, os saberes transmitidos pela oralidade foram importantes para a formação das identidades. Os contos, as lendas, os provérbios, os enigmas, os ritos, as brincadeiras e os medos (os tabus) são instrumentos metodológicos de transmissão do conhecimento em diversos grupos étnicos da Guiné-Bissau. O autor aponta os diversos tipos de educação em diversas esferas da sociedade guineense para elevar a relevância desses conhecimentos na formação das identidades. Aqui há uma tentativa clara do autor em demonstrar que os africanos sempre tiveram uma educação, quer dizer, uma educação em diversos estágios da vida. Com a chegada dos portugueses houve abandono desse saber tradicional substituindo-se pelo modelo europeu do ensino.

No segundo capítulo, o autor se dedica às análises do ensino no modelo europeu nas zonas libertadas do colonialismo. Foca-se a importância do Amílcar Cabral (líder histórico da luta contra o colonialismo) e do PAIGC (partido político que lutou pela independência da Guiné-Bissau) como impulsionadores dessa educação chamada pelo autor por 'pedagogia revolucionária da libertação'. Nesse capítulo ainda se sublinha a formação do 'guineense militante' que dedica à produção para a sua sobrevivência financeira. Portanto, nesta fase, há uma relação intrínseca entre a educação e o trabalho produtivo. O autor deixa clara a ideia de que nas zonas libertadas a formação para a produção e a educação estavam interligadas e as campanhas da formação militante circulavam entre esses dois polos.

O terceiro capítulo dá continuidade ao anterior mostrando o percurso da educação da Guiné-Bissau analisando o período de transição que corresponde à uma reflexão sobre a educação pós-colonial. Observa-se uma ruptura entre a educação pós-colonial por meio de reflexões sobre uma nova educação, sobretudo no âmbito epistemológico. Para isso foi necessário reestruturar o sistema educativo, a formação de professores e a criação de materiais de ensino. Essa fase recebeu apoio incondicional do "grande pai da educação mundial", o brasileiro Paulo Freire¹. Compreende-se que havia necessidade de introduzir uma educação libertadora, que liberte o guineense não apenas na ideologia colonial, mas também na ligação entre o "trabalho intelectual com o trabalho manual de atividades produtivas" (p.90), o que animou mais a sociedade porque havia uma relação entre a teoria e a prática. O autor aponta que essa nova política educacional favoreceu a intromissão de ONG's que transformaram a educação numa nova "política educacional neoliberal".

No quarto capítulo, o autor retoma os debates do terceiro capítulo apontando o impacto das ONG's na consolidação da eurocentralização e neoliberalização do sistema educativo da Guiné-Bissau. A influência das ONG's internacionais no ensino guineense resultou na fraca qualidade de ensino, uma vez que as ONG's internacionais financiaram a educação exigindo resultados positivos em troca sem olhar para as condições infraestruturais e nem a formação com qualidade dos recursos humanos para além de materiais didáticos. Tais resultados eram quantitativos do que qualitativos. Um exemplo desses programas de ONG's foi a "Educação para todos" que realmente apresentou em pouco tempo resultados numéricos expressivos. O lado negativo desse programa é a redução

¹ Autor de "Educação como prática da liberdade", "Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa", "Conscientização e alfabetização" e "Que fazer: teoria e prática em educação popular", "Pedagogia da esperança" e "Política e educação". Dono de 34 títulos Doutor *Honoris Causa* de 1973 a 2011.

do analfabetismo, a formação de técnicos profissionais de vários quadros, expansão da ideia da globalização na cultura, assim como na promoção da compreensão internacional, na cooperação, harmonia e na aceitação da diversidade cultural entre países e regiões.

No quinto capítulo, o livro dá enfoque para o sistema atual de ensino, sua estrutura organizacional, tarefas e funções de cada setor e apresenta alguns apontamentos sobre as Leis de Diretrizes e Bases (LDB). Essas novas LDB grudam ao que é feito pela educação na região da África Ocidental e no mundo, desde as tipologias das escolas e as funções que cada tipo tem, na formação do sujeito (cada cidadão). Nesta frase observa-se um aprofundamento quanto aos objetivos do ensino quanto à avaliação, quanto às disciplinas curriculares, o que mudou em grande parte a educação da Guiné-Bissau, controlada pelo Ministério da educação Nacional.

No sexto capítulo, a obra avança com debates sobre os problemas que o novo sistema apresenta. Por meio de dados qualitativos e quantitativos, o livro mostra que apesar do português ser a língua oficial, e portanto, a língua de ensino é a língua vilã no ensino porque ela é a segunda ou terceira língua o que provoca reprovações, ou ainda dificulta aprendizagem do português. Outro grave problema apontado pelo autor se refere ao fato de que o português não ter sido citado tanto na Constituição da República quanto nas LDB. O autor levanta a necessidade de valorização das línguas locais em especial o crioulo que é a língua da maioria (44,31%) dos guineenses. O autor sugere uma educação bilíngue que possa não apenas valorizar o crioulo, mas também permitir que os alunos aprendam com mais facilidade. Já há muita literatura em crioulo: jornais, revistas, projetos, poemas, gramáticas, dicionários e outros materiais que poderiam incentivar a educação bilíngue. Segundo Mendes (2019), a proibição do uso de crioulo na escola é uma autêntica violação do direito linguístico e uma tentativa do apagamento das identidades e da referência coletiva dos guineenses. O autor vai mais longe ao sugerir o abandono da visão eurocêntrica do ensino tanto nas escolas quanto nas universidades. Essa ideia fará com que o currículo local seja implementado no qual os conhecimentos locais e suas línguas serão valorizados e transmitidos para as novas gerações. Os conhecimentos que os alunos aprendem na escola não podem se distanciar da realidade deles. O livro termina este capítulo apontando para algumas causas da evasão escolar dos guineenses são: o casamento precoce, o trabalho infantil, a distância escola-casa e as reprovações em massa. O autor denuncia a violação dos direitos de pessoas deficientes uma vez que a educação inclusiva é pouco valorizada pelos governantes apesar de existir Leis, Decretos e outros documentos oficiais que protegem a pessoa deficiente. A educação inclusiva de qualidade é direito de todo cidadão deficiente e que deveria ser respeitado.

No sétimo e último capítulo, o livro coloca o horizonte da educação da Guiné-Bissau apontando para os desafios e prováveis caminhos. Na verdade, o capítulo sétimo abre novos debates e novas reflexões para que se possa pensar numa educação mais melhor. O etnocurrículo é uma proposta dada pelo autor. Ela se caracteriza com um currículo solidário e democrático porque consegue perceber e acolher a diversidade dos saberes locais para o uso na educação moderna. É um currículo que pode resolver vários problemas relativos aos direitos humanos, ambientais, linguísticos de cidadania e de identidade sociocultural.

O livro encerra apresentando breves considerações finais que amarram os debates realizados ao longo dos sete capítulos. É uma obra recomendável para estudantes, pesquisadores, professores e outros interessados que se interessam pela história da educação na Guiné-Bissau partindo do período colonial até a atualidade.

Foto 1: A capa do livro



Fonte: Google.

Referências

MENDES, Leonel Vicente. **(Des)caminhos do sistema de ensino guineense: avanços e recuos e perspectivas**. Curitiba: CRV, 2019, 241p. ISBN: 975-85-444-3572-4.

Recebido em 19 de fevereiro de 2020.
Aceito em 19 de março de 2020.